

Semelhanças e Diferenças nas Obras Documentais do Cinema Novo Brasileiro e do Cinema Contemporâneo

Marina Graciano e Silva¹

Introdução

O Cinema Novo buscou retratar a realidade dos países subdesenvolvidos fazendo críticas políticas e se mostrando solidário à uma sociedade desprovida de recursos financeiros, de educação, moradia entre tantas outras necessidades básicas.

O cinema brasileiro contemporâneo busca, de certo modo, mostrar as consequências das gerações passadas. Mas alguns questionamentos permanecem no que diz respeito à política, à realidade social e o futuro.

A intenção dessa análise é tentar correlacionar o cinema brasileiro da década de 60 com o contemporâneo. Buscando identificar semelhanças e diferenças das abordagens políticas nas produções. Tendo como partida as obras de não ficção de ambos os períodos.

Na primeira parte em que é abordado o tema “Cinema Novo”, alguns autores são citados e relacionados ao tema. Na segunda e terceira partes são feitas análises de algumas obras e interpretações dos documentários contemporâneos.

O Cinema Novo Brasileiro

As produções do Cinema Novo no Brasil retratam a realidade brasileira, fazendo duras críticas ao momento político que estava sendo enfrentado. “Essa consciência resultou na busca de uma percepção totalizante do momento, por meio da representação de aspectos gerais, unificadores da experiência social.” (HOLANDA, 2006)

Durante esse processo surgem obras documentais como Arraial do Cabo (Paulo César Saraceni, 1959), Aruanda (Linduarte Noronha, 1960), Couro de Gato (Joaquim Pedro de Andrade, 1961), Garrincha Alegria do Povo (Joaquim Pedro de

¹ marinagraciano@hotmail.com
Revista Livre de Cinema

Andrade, 1963), Viramundo (Geraldo Sarno, 1965), Opinião Pública (Arnaldo Jabor, 1967), Maioria Absoluta (Leon Hirzman, 1964).

Além das obras documentais, obras de ficção também estiveram elencadas como grandes marcos do Cinema Novo:

“Depois de Cinco vezes favela, filme desigual mas revelador, produzido em 1962, tornou-se o Cinema Novo o responsável por quase todos os filmes nacionais importantes que têm aparecido nos últimos anos: Os cafajestes, Porto da caixas, Deus e o diabo na terra do sol, Os fuzis, Esse mundo é meu, menino de engenho, A grande cidade, O desafio, São Paulo S.A., O padre e a moça...” (GOMES, 2001)

O cenário das produções brasileiras da década de 60, era o retrato da sociedade. *Macro-histórias*, simbolizando os diversos “*Brasis*”. Seja ele o nordestino refém da fome e da seca, ou o dos grandes centros urbanos sofrendo da repressão, da desigualdade social. As histórias individuais, de grandes heróis, foram substituídas por um outro protagonista não menos importante, *o povo, como destaca Jorge Ruffinelli em Nuevas señas de identidade em el cine de América Latina* (RUFFINELLI, 2011).

Essas produções tidas como ícones da revolução marcaram o cinema nacional dessa década. Com seus roteiros ousados à época, muitas obras sofreram duramente com a censura, já imposta pelo militarismo. E algumas histórias se perderam ou deixaram de ser realizadas, morrendo para a arte, sobrevivendo apenas no imaginário de quem a idealizou.

É interessante observar que havia a crença de que tais obras pudessem realmente colaborar com uma mudança no país. Por abordarem temas reais e presentes no dia-a-dia do brasileiro, pois fugia dos conceitos hollywoodianos de entretenimento. Pretendia com a sua arte levar conhecimento, conscientização política. Porém, ao mesmo tempo que era um cinema feito para o povo, não transitava em salas comerciais nem mesmo era de fácil acesso ao público. Circulavam em festivais e pequenas exposições, por serem de difícil entendimento para o mercado em geral, como ressalta Ruffinelli.

O Cinema Novo foi um momento de descobrimento pessoal (realizadores) e coletivo (público em geral), pois “foi neles em que se traçou boa parte das

discussões ora empreendidas na arena crítica, acadêmica e institucional” (LAPERA, 2006).

O Cinema o “Novo” Brasileiro (Será?)

O Brasil da nova geração de cineastas já não é mais o mesmo. Cinco décadas separam os realizadores do Cinema Novo, do cinema contemporâneo. A linguagem visual mudou. As preocupações com o futuro dão margem a discussões de temas antes jamais abordados. A política, embutida nas obras de 60, foi modificada e a (falsa) sensação de liberdade se instalou no cinema feito nos anos 2000.

“...a nomenclatura “cinema brasileiro contemporâneo”, que abarcaria no período de 1990 até os dias de hoje, uma vez que o processo da investida neoliberal no cinema, na área cultural e na economia política, muito longe de ter sido interrompido, parece estar sendo consolidado seja pelo discurso “industrial” de alguns setores da classe cinematográfica, seja pela importação do modelo norte-americano de agências reguladoras...” (LAPERA, 2006).

As imagens, que antes adotavam um ritmo lento, de fluxo, hoje saltam rapidamente as cenas, intercalando momentos e personagens refletindo a nova sociedade. Os documentários realizados no novo milênio também fazem uso da linguagem para retratar a realidade.

Esses novos conceitos e novas maneiras de enxergar a sociedade estão refletidos em filmes documentais como os da tetralogia *À margem de São Paulo*, do diretor Evaldo Mocarzel. Os filmes retratam a realidade encontrada nos dias de hoje nas ruas da cidade de São Paulo. O primeiro título da coletânea, *À margem da imagem* (2003), conta a história de alguns moradores de rua. Seus dramas diários e suas perspectivas para o Brasil e para suas próprias vidas. Mostra algumas ONG's envolvidas em projetos que dão suporte a essas pessoas.

No segundo filme, *À margem do concreto* (2007), a cidade de São Paulo é palco de diversas manifestações de grupos ligados a movimentos de invasões irregulares. Esta é a sociedade contemporânea, reflexo da década de 50 e 60. Dissidente de uma geração de excluídos que continuam à margem da igualdade social. A situação se evidencia pela maneira como as políticas sociais são

abordadas nessa obra. Os combates policiais aonde crianças, adultos e idosos se submetem a uma violência gratuita e desnecessária em prol de um direito básico, a moradia.

O terceiro da série, e último citado, por serem esses os que mais se relacionam com o tema em questão é *À margem do lixo* (2008). Essa obra mostra o dia-a-dia de catadores de materiais recicláveis, a discriminação e a indiferença da sociedade e das políticas públicas à respeito desses cidadãos. A maneira como as cooperativas negociam com o governo e empresas o recolhimento desses materiais, a seleção do que é possível reciclar e o processo da reciclagem.

Entre a Luz e a Sombra (Luciana Burlamaqui, 2009), conta a história de dois *rappers* presos no Carandiru e que juntos formaram o “509-E”. As músicas retratavam a realidade em que viviam, a marginalidade de um modo geral, o tráfico de drogas e as questões sociais que os levaram a ter a vida que tinham antes da prisão. A diretora do filme realizava trabalhos juntos aos presos e fez o registro do cotidiano na cadeia e a fama da dupla fora das grades, nos palcos de shows.

Outro documentário que reflete o Brasil do novo milênio é *Quebrando Tabu* (Fernando Grostein, 2011), que aborda questões relacionadas ao consumo, tráfico e legalização de drogas. O tema é uma questão polêmica há muitas décadas e em alguns países já superado. Mas no Brasil ainda há dilemas pois interfere diretamente no cotidiano dos brasileiros. Todos sofrem com a violência, a falta de segurança e a guerra civil que por vezes se instaura nas cidades. Toda essa questão, que é política, está em alta nas discussões a respeito do tema.

Todas essas obras têm um ponto em comum: a clareza política existente na discussão proposta pelos diretores. Que se utilizam da linguagem visual e das técnicas cinematográficas, dando espaço para que esses cidadãos expressem suas opiniões, mostrem sua realidade e façam suas críticas, incrivelmente pertinentes, à respeito do Brasil vivido por eles. Essa questão representa o que acontece nos grandes centros, a realidade de muitos brasileiros.

O Antigo “Novo” e o Contemporâneo

Não é possível falar em cinema contemporâneo sem antes, ao menos, ter pincelado sobre algumas das obras importantes e suas funções sociais.

Quando se fala em cinema do novo milênio grande parte da sociedade ainda relaciona o tema a grandes produções, com histórias cada vez mais elaboradas e repletas de efeitos especiais.

Mas será mesmo ESSA a realidade do cinema contemporâneo no Brasil?

Fazendo uma breve análise das questões latentes da sociedade da década de 60, a maneira como o cinema as abordava e a realidade social de hoje e a maneira como é abordada nota-se alguma (ou muita) semelhança.

Ao se falar em documentários que tratem de assuntos de cunho social é possível relacionar *Maioria absoluta* (1964) com a realidade do mesmo brasileiro protagonista de *À margem da imagem* (2003) ou *À margem do concreto* (2007) entre tantos outros.

A abordagem política é a mesma. As cobranças devido à falta de respeito, de humanidade e civilidade por parte de uma sociedade hipócrita e egoísta, é a mesma. Assim como é o mesmo descaso e abandono por parte dos governantes que largam esses cidadãos “à margem” (literalmente) de todo o restante da sociedade.

Alguns temas como a legalização das drogas, aparecem como sendo algo possível apenas em países desenvolvidos e “preparados” para tratar seus dependentes. Quando famílias são dizimadas pelo álcool, droga como qualquer outra, de uso liberado e até mesmo aclamado por uma sociedade capitalista e alienada.

São essas pequenas discussões que tornam o cinema nacional contemporâneo semelhante ao Cinema Novo. Por criticar uma situação política repleta de erros e vícios. Um país em que a ignorância (ou a dissimulação) de uns é o custo da vida de outros. Uma minoria que busca de todas as maneiras se mostrar presente.

O nordestino que foge da seca e da fome e que se instala nos grandes centros ficando à mercê da boa vontade dos cidadãos urbanos, é o mesmo que vê seus filhos roubando, ou se submetendo ao tráfico por estarem em um sistema capitalista, esmagador. O filho do negro oprimido e desmoralizado segue esses mesmos passos.

Toda essa questão já abordada na década de 60 virou uma bola de neve que certamente será (re)lembrada por muitas e muitas gerações de cineastas. Gerando inúmeras discussões e sugerindo outras inúmeras soluções, porém sempre

tropeçando no mesmo degrau e, com isso, buscando outras inúmeras maneiras de fazer cinema com essas histórias.

A realidade do país atual, já não mais corresponde ao que era vivido naquela década. Mas questões ainda mal resolvidas provindas do descaso político e de gerações sofridas são facilmente encontradas e retratadas no cinema nacional contemporâneo.

Nova Tecnologia, Velhos Conceitos

Com o advento da tecnologia “fazer filmes” se tornou algo mais dinâmico nunca esteve tão presente no cotidiano das pessoas a famosa frase, marco da década de 60, “uma câmera na mão, uma ideia na cabeça”, de Glauber Rocha.

O cinema nunca esteve tão liberto quanto antes. Mas será essa liberdade real ou mascarada, no sentido de fantasiada?

Na década de 60 os realizadores das películas sofriam a repressão militar. Tiravam-lhe os filmes, eram exilados, presos e mal vistos por parte da sociedade. Mas, na medida do possível, produziam obras idealistas e, por muitos, consideradas utópicas.

Nos dias atuais a tecnologia abriu espaço para as mais diversas produções, politizadas ou não, sejam feitas aos milhares e disseminadas nas redes sociais. Câmeras cada vez mais leves e possíveis de serem escondidas, dão ao cinema documental a possibilidade de mostrar o que jamais antes se imaginou.

Essa “facilidade” tecnológica e a mudança no regime político do país, fazem com que a sociedade confunda liberdade de acesso a recursos tecnológicos e política democrática, com liberdade de realização de filmes.

Com o fim da ditadura e da censura severa, em 1985, criou-se no imaginário popular, o conceito de que a partir daquele momento tudo era permitido. No setor cinematográfico, de que não mais haveria perseguições, nem mesmo destruição de material gravado.

A realidade do cinema contemporâneo não é a que se imaginava ser. Livre, sem repressões, torturas ou exílios, (sobre)vive no imaginário dos realizadores. Porém a censura agora, mesmo que velada, continua a minar os campos férteis contemporâneos. O “freio” é a própria sociedade que sufoca ideias, despista caminhos e finge modernismo quando na verdade transpira velhos conceitos. Muitos

cinastas, pós Cinema Novo, tiveram seus filmes comprometidos por questões burocráticas. Ou foram coagidos por forças policiais e tiveram suas câmeras quebradas e fitas destruídas, hoje cartões de memória.

A liberdade de expressão se mistura às leis restritivas, às autorizações burocráticas e à ignorância da sociedade. Comprometendo, por vezes, realizadores de contarem suas histórias e a dos brasileiros.

Considerações Finais

Muito se evoluiu em conhecimento à respeito do assunto “cinema”, sua importância ao retratar uma época e seu ímpeto desbravador levando para os lares discussões pertinentes à toda a sociedade.

Essa arte que por vezes é comovente e em outras de puro entretenimento vem se construindo e reinventando à sua maneira o ato de registrar e contar histórias.

Não importa o movimento a que pertença, o nome que receba, o cinema é feito para transmitir uma mensagem, muitas vezes incompreendida, mas que passa a fazer sentido quando vista novamente num outro momento.

Na década de 60 nem tudo era compreendido, muito era simbolicamente falado e mostrado, não é diferente nos dias de hoje em que o cinema muitas vezes dá voltas para chegar aonde se quer. Traçar esse paralelo entre o Cinema Novo e o contemporâneo mostra isso. Mostra que para se falar em política pública é preciso mostrar a fome, a desgraça, já que o roubo e o pouco caso se escondem por trás de uma parede de vidro, intocável, embora todos saibam da existência.

Revelar e aproximar realidades, unificando a sociedade, trazendo à tona questões de interesse coletivo, esse é o cinema que modifica, que “faz pensar”, transformador, seja ele o Novo ou o Contemporâneo.

Referências

CARVALHO, Maria do Socorro. Cinema Novo brasileiro. In: MASCARELLO, Fernando (org). *História do cinema mundial*. Campinas, Papirus, 2006. p.289-309.

GOMES, Paulo Emílio Sales. Cinema: Trajetória no subdesenvolvimento. Paz e Terra. 2001.

HOLANDA, Karla. Documentário Brasileiro Contemporâneo e a micro – história. Fênix Revista de História e Estudos Culturais. Vol.3, Ano 03, 2006.

LAPERA, Pedro Vinicius. Cinema brasileiro contemporâneo: os embates políticos na “patrimonialização” do cinema pós-EMBRAFILME. UNIrevista - Vol. 1, nº 3 : 2006

RUFFINELLI, Jorge. *Nuevas señas de identidade em el cine de América Latina*. In VARGAS, Juan Carlos (org.) Tendencias del cine iberoamericano en el nuevo milênio. p. 121 – 132. 2011.

ZANCA, Gabrielli, Cultura política de esquerda no Brasil: Alex Vianny e o cinema nacional 2013. <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historiografia-da-midia/cultura-politica-de-esquerda-no-brasil-alex-vianny-e-o-cinema-nacional>